

# O espaço social das grandes metrópoles brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte

*Luiz César de Queiroz Ribeiro  
Luciana Corrêa do Lago*

Neste trabalho buscamos avaliar os princípios segundo os quais se organiza o espaço social das metrópoles do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte,<sup>1</sup> adotando-se a noção de espaço social como um conjunto de relações que definem posições e condicionam os atributos dos indivíduos por elas distribuídos.<sup>2</sup> As variáveis relativas à natureza e posição na ocupação no trabalho e aos setores econômicos nos quais são exercidas são utilizadas, em um primeiro momento, para definir conceitualmente as categorias socioocupacionais que conformam a estrutura social, a partir das relações que definem posições no mercado de trabalho e na estrutura produtiva destas três metrópoles. Analisamos a composição da estrutura social do conjunto dessas metrópoles e suas diferenças utilizando os dados de censo de 1991. Em seguida, buscamos avaliar como esta hierarquia social corresponde à distribuição desigual dos dois atributos sociais fundamentais na sociedade capitalista contemporânea, que determinam as chances de inserção dos indivíduos na hierarquia social: o capital econômico (renda) e o capital escolar (educação).

## Hierarquia socioocupacional: constru o conceitual

Antes de mais nada, um pouco de estória sobre a análise contida neste texto. Temos desenvolvido uma extensa pesquisa que visa contribuir teórica e metodologicamente ao debate atual sobre os impactos das transforma es econ micas sobre as estruturas social e espacial das grandes metrópoles. Este debate tem como centro a pol mica em tomo da tese da *global city*, segundo a qual a globaliza o comandaria as transforma es econ micas, sociais e espaciais das grandes cidades, na dire o da dualiza o da estrutura social, gerando novas categorias não redutíveis às classes sociais – como os "novos pobres", marginais e excluidos. Identificamos dois eixos: um, marcado pelo confronto entre as interpreta es teóricas e conceituais sobre a natureza e os processos de globaliza o, polarizadas pelos paradigmas da "pós-industrializa o" (Castells, 1989; Sassen, 1991) e do "pós-fordismo" (Preteceille, 1994; Storper, 1994), e outro, que busca colocar sob prova empírica a hipótese da tendência   dualiza o e   polariza o social (Hamnett, 1995; Maloutas, 1995).

Nossa análise insere-se nesse segundo eixo do debate, na medida em que resulta de uma pesquisa comparativa entre três grandes metrópoles brasileiras – Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte –, através da qual buscamos reunir elementos empíricos e analíticos presentes nesse campo de discussão. Nesse sentido, a identifica o do espaço social das metrópoles através de um mesmo modelo metodológico, objeto do presente trabalho, nos permitirá, posteriormente, observar as mudanças em curso nas respectivas estruturas sociais e espaciais e, em particular, avaliar possíveis tendências   dualiza o ou   diversifica o social.

O modelo metodológico aqui proposto tem como princípio básico a centralidade do trabalho na estrutura o e no funcionamento da sociedade. Tal centralidade torna a ocupa o uma variável capaz de fornecer informa es discriminadas e discriminadoras sobre renda, nível de instru o, estilo de vida, comportamento, etc. Nesse sentido, a estrutura social   entendida como, simultaneamente, um espaço de posi es sociais e um espaço de indivíduos ocupando estes postos e dotados de atributos sociais desigualmente distribuídos e ligados às suas histórias (Desroisi res, Goy e Thévenot, 1983).

Procuramos fugir das conhecidas dificuldades teóricas e metodológicas inerentes ao uso de sistemas de classifica o baseados em apenas uma única escala. Esta questão   conhecida na literatura através da idéia de "incoerência de status", tratada por vários autores a partir dos textos de Weber, e que diz respeito às posi es diferentes ocupadas pelo mesmo indivíduo ao longo de diversas escalas. Procuramos em nosso trabalho utilizar uma concep o multidimensional da estrutura o do espaço social, que nos permitisse buscar a compreensão mais fina das eventuais diferenças de posi es sociais

de grupos ocupacionais. Tais eventos, em vez de serem tomados como "casos desviantes", são entendidos como expressão de múltiplas escalas de hierarquização do espaço social. Essa concepção tornou-se possível pelo emprego das técnicas de análise fatorial por correspondência binária e de classificação hierárquica ascendente e, ainda, pela utilização de outras variáveis, além da ocupação, na identificação das posições sociais que estruturam o espaço social da metrópole. Em outras palavras, este procedimento nos permitiu construir uma "topografia" do espaço social enquanto um mapa no qual as proximidades e distâncias entre as ocupações revelassem estruturas de propriedades similares ou diferentes.<sup>3</sup>

Utilizamos como referência inicial o sistema de classificação das profissões na França (CSP), criado no início dos 50 e aperfeiçoado desde então pelo *Institut National d'Économie et Statistique* – INSEE, e que tem sido utilizado como instrumento de análise de temas diversos, entre eles, a mobilidade social, a estrutura e as práticas de consumo, as mudanças demográficas e, mais recentemente, a estrutura socioespacial (Tabard e Chenu, 1993; Tabard, 1993). Embora não tenhamos no Brasil uma proposta tão sistemática e testada de classificação, utilizamos ainda como referência trabalhos anteriores que também propuseram sistemas de classificação, com base nas variáveis ocupacionais<sup>4</sup>, utilizadas pela FIBGE nos censos demográficos e nas pesquisas por amostra (Jorge et alii, s/d; Jorge et alii, 1985; Silva, s/d; Silva, 1973; Silva, 1985).

A nossa tarefa não se resumia a uma simples operação de taxinomia, cuja única preocupação residisse na coerência da definição e do uso de critérios de classificação, já que pretendíamos criar uma estrutura ocupacional que expressasse a hierarquia da sociedade urbana/metropolitana brasileira e que, como tal, deveria ter evidências de reconhecimento social. Tratando-se de uma operação de representação social, com efeito, era necessário produzir e utilizar critérios de classificação que guardassem coerência estatística, obedecendo aos constrangimentos técnicos e às definições práticas vigentes no sistema oficial de estatística; coerência cognitiva, traduzida em categorias que pudessem localizar os indivíduos nas posições ocupacionais que formam a divisão social do trabalho vigente na economia urbana/metropolitana brasileira e que cujo agrupamento representasse posições sociais ou classes de posições sociais que guardassem uma certa homogeneidade social formando distintos *milieux sociaux*; por último, que estas posições sociais apresentassem sinais de ressonância com os princípios segundo os quais a sociedade brasileira "re-conhece" as distinções das hierarquias e diferenças sociais e políticas, conferindo "mandatos" a certos grupos ou "des-reconhecendo" a outros o "direito a ter mandatos."<sup>5</sup>

A principal dificuldade residia nas condições distintas para a identificação de critérios claramente objetivos, sistemáticos e, sobretudo, legítimos para o reconhecimento e classificação da posição de cada categoria na hierarquia social. A própria diferença de nomenclatura – "profissão" e "ocupação" – era um indicador do grau de dificuldade que iríamos enfrentar. Não poderíamos adotar o termo categoria socioprofissional, dado o

baixo grau de estabilidade e de institucionaliza o de um grande número das ocupa es arroladas.<sup>6</sup> Por outro lado, somente poderíamos incluir em nossa classifica o a popula o efetivamente ocupada, uma vez que o IBGE não identifica as ocupa es daqueles que estão na inatividade, mas que já trabalharam (os aposentados, os doentes, etc.), e dos desempregados. A dificuldade se referia   defasagem histórica entre o sistema de classifica o ocupacional e as transforma es da estrutura produtiva e do mercado de trabalho urbano brasileiros. Essa dificuldade tornou-se ainda maior em fun o da nossa necessidade de criar categorias que pudessem identificar as novas ocupa es geradas pela globaliza o e reestrutura o econ mica.

Tendo essas dificuldades reconhecidas, partimos para agrupar as ocupa es discriminadas no censo demográfico em categorias, procurando obedecer aos seguintes princípios de divisão abaixo arrolados.

*Capital X Trabalho.* Trata-se, evidentemente, da principal divisão da sociedade capitalista. Na ausência de informa es sobre os ativos econ micos utilizados para fins de acumula o, utilizamos como critério a distin o das ocupa es empregado e empregador.

*Grande X Pequeno Capital.* Sabemos que economia capitalista atual tem como uma das suas características a segmenta o da estrutura produtiva entre as corpora es capitalistas e os pequenos e micros capitalistas organizados em empresas muitas vezes familiares ou pessoais. Também por falta de outra informa o, utilizamos o critério usado em trabalhos similares ao nosso, ou seja, a divisão entre os empregadores que mobilizam mais ou menos que 10 empregados.

*Autonomia X Subordina o.* Encontramos nas grandes cidades brasileiras uma estrutura econ mica com alto grau de diversifica o com rela o ao assalariamento, mobilizando contingentes expressivos da popula o. Com efeito, além do segmento capitalista, no qual prevalecem rela es de assalariamento – formal e informal – encontramos três modalidades de trabalho aut nomo: aquele realizado na forma de empreendimentos individuais, mobilizando certo montante de ativo econômico, mas sem assalariamento, cujo produto se destina ao mercado (comércio varejista, unidades de presta o de serviços, representantes comerciais, pracistas, comerciante por conta-própria, etc.); o trabalho cujo produto em grande parte   autoconsumido, integrando o setor da subsistência urbana; e, por último, o auto-emprego integrado pelos segmentos daqueles que vendem seus serviços e produtos – os artesãos, os prestadores de serviços e os profissionais liberais – e as ocupa es temporárias irregulares e, muitas vezes, ilegais que integram o chamado "desemprego disfarçado".

*Manual X Não-Manual.* A ado o deste princípio expressa as óbvias separa es da divisão técnica do trabalho que produziram historicamente no desenvolvimento do capitalismo a distin o social entre "blue X white color". Embora toda a pol mica em torno da interpreta o a respeito da natureza e dos impactos da transi o produtiva, que tem como um dos epicentros justamente as posi es m dias da estrutura ocupacional,

acreditamos que na sociedade brasileira a divisão manual X não-manual ainda expresse posições ocupacionais hierarquicamente diferenciadas, cujos efeitos se prolongam para além da hierarquia técnica e salarial. Por um lado, em razão da própria estrutura produtiva gerada pela nossa industrialização tardia e, por outro lado, por ainda prevalecerem representações que atribuem pouco valor social ao trabalho manual, talvez como consequência do nosso passado escravista, o "emprego em escritório" mantém-se como símbolo de distinção social.

*Controle X Execução.* Trata-se aqui de um critério visando a identificar a hierarquia ocupacional entre as ocupações não-manuais, segundo o grau de maior ou menor grau de responsabilidade.

*Secundário X Terciário.* Já as ocupações manuais foram separadas segundo a sua inserção na esfera da produção ou da circulação (comércio e serviços). Acreditamos que o chamado "proletariado secundário" tende a formar uma posição social específica na estrutura social brasileira, por nele ser mais freqüente a existência de profissões que representam tradições fabris e organização sindical, que dotam as ocupações de maior grau de reconhecimento social.

*Moderno X Tradicional.* No interior do "proletariado secundário" as ocupações podem ser separadas segundo a sua inserção nos setores que fazem parte da chamada segunda revolução industrial (Petroquímica, Metalurgia, Bens de Consumo Duráveis, etc.), nos quais geralmente prevalecem ocupações de maior qualificação, maior grau de proteção social, maiores níveis salariais e maior grau de sindicalismo.

Como resultado, chegamos a uma estrutura ocupacional composta por vinte cinco categorias socioocupacionais, agrupadas em oito grandes categorias:

1. Categoria Dirigente

- 1.1. Empresários, que reúne os empregadores com dez ou mais empregados.
- 1.2. Dirigentes do setor público, formada pelas ocupações do alto escalão decisório no setor público, como ministros, magistrados e procuradores.
- 1.3. Dirigentes do setor privado, formada pelas ocupações de administradores de empresas dos setores de extração mineral, indústria, construção civil e empresas financeiras.
- 1.4. Profissionais liberais, formada pelas ocupações tradicionalmente definidas como de profissionais liberais (médicos, engenheiros, arquitetos, dentistas, advogados), empregadores e autônomos.<sup>7</sup>

2. Categoria Intelectual

- 2.1. Profissionais autônomos de nível superior;
- 2.2. Empregados de nível superior

3. Pequena Burguesia

- 3.1. Pequenos empregadores urbanos, categoria que reúne os empregadores com menos de dez empregados.

3.2. Comerciantes por conta própria, categoria em que são desenvolvidas atividades em casa ou em empresas próprias.

#### 4. Categoria Média

4.1. Trabalhadores em atividades de rotina, formada pelas ocupa es sem fun o decisória, tais como *secret rias, auxiliares administrativos e auxiliares de escritório*.

4.2. Trabalhadores em atividades de supervisão, formada por ocupa es com algum poder de decisão, tais como *assistentes de administra o, corretores de imóvel e administradores do comércio*.

4.3. Técnicos e artistas, formada pelas ocupa es que requererem um conhecimento específico, tais como *desenhistas, técnicos em contabilidade, caixas, técnicos em energia elétrica, programadores de computa o, músicos e fotógrafos*.

4.4. Trabalhadores nas áreas de saúde e educa o, como *professores de 1  grau e enfermeiras não diplomadas*.

4.5. Trabalhadores nas áreas de segurança pública, justiça e correios, tais como *investigadores de polícia, oficiais do corpo de bombeiros, praças das forças armadas e carteiros*.

#### 5. Proletariado do Secundário

5.1. Operários da indústria moderna, formada pelos trabalhadores nas indústrias metalúrgica, mecânica, material elétrico, química, produ o de petróleo e farmacêutica, entre outras, que envolvem trabalhadores com posi o mais elevada entre o operariado, em razão das ocupa es exigirem maior qualifica o, proporcionarem nível mais elevado de remunera o e de prote o social e os trabalhadores apresentarem maior grau de organiza o corporativa.

5.2. Operários da indústria tradicional, formada pelos trabalhadores das indústrias dos demais ramos, exceto a constru o civil.

5.3. Operários dos serviços auxiliares, formada pelos empregados nos setores de transportes, comunica o e serviços auxiliares.

5.4. Operários da constru o civil, formada pelos trabalhadores em ocupa es ligadas   constru o civil, tais como *mestres, ladrilheiros, pedreiros, pintores, serventes de pedreiro*.

5.5. Artesãos, formada pelos trabalhadores autônomos nas ocupa es de *alfaiate, sapateiro, marceneiro, carpinteiro, estofador e ourives*.

#### 6. Proletariado Terciário

6.1. Trabalhadores do comércio, formada pelas ocupa es diretamente ligadas às atividades do comércio, tais como *vendedores, operadores de caixa e praticistas*.

6.2. Prestadores de serviço especializado, formada pelos trabalhadores autônomos em ocupa es manuais que requerem um saber específico, tais como *mecânicos, cabeleireiros, etc.* e os empregados de ocupa es manuais nos setores de presta o de serviços, atividades sociais e administra o pública.

6.3. Prestadores de serviço não especializado, formada pelos empregados em ocupações de *porteiro* e *vigia*.

#### 7. Subproletariado

7.1. Trabalhadores Domésticos;

7.2. Ambulantes e Biscateiros, formada pelos *feirantes*, *doceiros*, *quitandeiros*, *carroceiros* e *outras ocupações ambulantes* e pelos *guardadores de automóvel*, *engraxates* e *trabalhadores braçais* autônomos. Trata-se de uma categoria restrita aos autônomos sem qualquer saber específico, não correspondendo, portanto, à noção freqüentemente usada nos estudos sociológicos em que trabalhadores autônomos no setor da construção, por exemplo, são definidos como biscateiros.

#### 8. Trabalhadores Agrícolas

Formada por todas as ocupações agrícolas, exceto as ocupações *criador bovino*, *proprietário agropecuário* e *avicultor*.

## A estrutura social das metrópoles: análise comparativa

A Tabela 1 apresenta a composição da estrutura social das três grandes metrópoles brasileiras – Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte – com base nas vinte e quatro categorias socioocupacionais definidas anteriormente. A primeira evidência é a enorme semelhança da composição ocupacional das três metrópoles, o que não deixa de ser surpreendente, particularmente em relação a São Paulo onde se esperava um perfil mais operário e maior presença da categoria dirigente. Nas três metrópoles, a categoria média aparece como a de maior peso relativo – entre 25% e 28% dos ocupados – com destaque para os empregados de escritório, seguida pelo proletariado secundário – entre 21% e 26% dos ocupados – e pelo proletariado terciário – entre 22% e 25% dos ocupados – esse último com maior representação dos prestadores de serviço especializado. A ponta inferior da estrutura, compreendida pelo subproletariado, tem participação significativa na composição – entre 9% e 13% –, superior à participação das três categorias localizadas no extremo superior da hierarquia, em especial, à da categoria dirigente cujo percentual ficou em torno de 3%.

Verificadas as semelhanças na composição socioocupacional das três metrópoles, algumas diferenças merecem ser destacadas na busca da compreensão do papel das particularidades históricas na estruturação do espaço social.

Entre as categorias dirigentes, nota-se a maior participação dos empresários e dos dirigentes do setor privado em São Paulo, o que já se esperava em função da posição

Tabela 1 – Estruturas sociais das metrópoles do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte – 1991

Categorias socioocupacionais	Distribui�o por região metropolitana (%)				Densidade relativa		
	RMRJ	RMSP	RMBH	Total	RMRJ	RMSP	RMBH
Categoria dirigente	2,6	3,3	2,8	3,0	0,87	1,10	0,93
Empresários	1,0	1,4	1,2	1,3	0,77	1,15	0,97
Dirigentes públicos	0,3	0,2	0,4	0,2	1,16	0,73	1,73
Dirigentes privados	0,7	1,0	0,6	0,8	0,81	1,19	0,69
Profissionais liberais	0,7	0,7	0,6	0,7	1,00	1,03	0,86
Categoria intelectual	6,0	4,5	4,7	5,0	1,20	0,89	0,94
Profissionais sup. autônomos	0,3	0,3	0,3	0,3	1,03	1,00	0,90
Profissionais sup. empregados	5,7	4,2	4,5	4,7	1,21	0,88	0,95
Pequena burguesia	4,0	4,7	5,6	4,6	0,87	1,03	1,22
Pequenos empregadores	2,4	3,0	3,2	2,8	0,86	1,05	1,14
Comerciantes por conta própria	1,5	1,7	2,4	1,8	0,88	0,99	1,36
Categoria média	27,2	28,4	25,2	27,6	0,98	1,03	0,91
Empregados de escritório	10,4	13,2	11,1	12,0	0,87	1,10	0,93
Empregados de supervisão	5,4	6,9	5,5	6,2	0,86	1,11	0,89
Técnicos e artistas	3,7	3,4	3,4	3,5	1,06	0,97	0,96
Empregados na saúde e educ.	4,6	3,8	3,7	4,1	1,12	0,95	0,90
Empregados just., segur., correios	3,1	1,1	1,6	1,8	1,70	0,60	0,85
Proletariado secundário	21,1	25,7	24,7	24,0	0,88	1,07	1,03
Operários na indústria moderna	3,4	8,6	4,2	6,3	0,54	1,36	0,66
Operários na indústria tradicional	3,9	5,4	5,3	4,9	0,81	1,10	1,09
Operários de serviços auxiliares	4,8	3,7	4,3	4,1	1,16	0,89	1,04
Operários da constru�o civil	6,8	6,5	9,1	6,9	0,98	0,94	1,32
Artes�es	2,1	1,6	1,9	1,8	1,18	0,88	1,04
Proletariado terciário	25,2	23,1	22,9	23,8	1,06	0,97	0,96
Empregados no comércio	7,8	7,4	7,6	7,5	1,03	0,98	1,01
Servidores especializados	12,2	11,2	10,3	11,4	1,07	0,98	0,90
Servidores não especializados	5,2	4,6	4,9	4,8	1,08	0,95	1,02
Subproletariado	12,8	9,1	12,3	10,8	1,19	0,85	1,14
Trabalhadores domésticos	8,7	6,4	9,6	7,6	1,15	0,85	1,26
Ambulantes e biscateiros	4,0	2,7	2,7	3,2	1,28	0,86	0,86
Agricultores	1,1	1,1	1,7	1,2	0,95	0,93	1,44
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	1,00	1,00	1,00

Fonte: Censo Demográfico de 1991.



que a metrópole ocupa de centro industrial do país. O que surpreende é o peso relativamente maior dos dirigentes do setor público em Belo Horizonte, com uma densidade 73% acima da média do conjunto das três metrópoles, superando o Rio de Janeiro, onde, pela sua história como capital federal, esperava-se uma presença bem mais elevada dessa categoria.

Em contraposição às categorias dirigentes, a categoria intelectual do Rio de Janeiro apresenta maior participação relativa em relação às demais regiões, refletindo a maior escolaridade da metrópole fluminense, resultado da forte concentração de instituições universitárias e da antiga situação de capital federal. A densidade relativa dos profissionais de nível superior empregados no Rio de Janeiro está 21% acima da média metropolitana. Já a pequena burguesia tem maior presença em Belo Horizonte, onde a densidade está 22% acima da média.

Entre as categorias médias, nota-se uma participação ligeiramente superior dos empregados de escritório e de supervisão em São Paulo e dos empregados da saúde e educação e os da segurança e correios no Rio de Janeiro. Essa diferenciação evidencia a importância do setor público no Rio de Janeiro, no que se refere a essas ocupações médias típicas do setor.

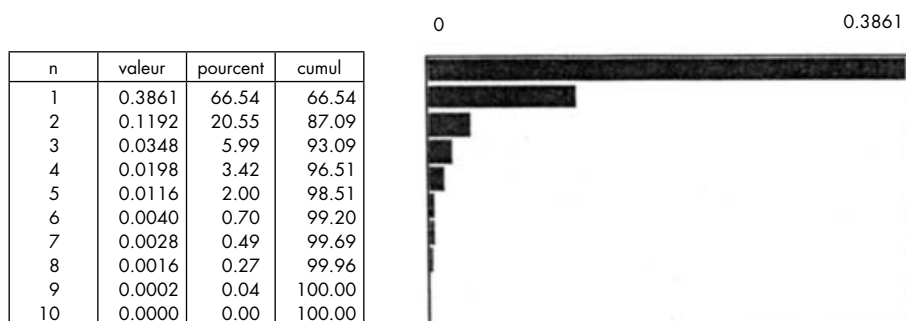
Embora o peso da categoria de operários em seu conjunto não apresente grandes diferenças entre as regiões, separadamente duas distinções merecem destaque: a maior presença dos operários da indústria moderna em São Paulo, com uma densidade relativa 36% acima da média metropolitana, e dos operários da construção civil, em Belo Horizonte, cuja densidade ficou 32% acima da média.

Por fim, observa-se uma menor presença do subproletariado em São Paulo sendo que, no Rio de Janeiro, são os ambulantes e biscateiros que aparecem com o peso acima das demais metrópoles e, em Belo Horizonte, são os trabalhadores domésticos que estão nessa posição.

## Ocupação, renda e escolaridade: as posições sociais

Procuramos, a seguir, identificar os princípios segundo os quais se organiza o espaço social das três metrópoles. Utilizamos, para tanto, indicadores que nos permitissem avaliar a existência de posições sociais definidas segundo a distribuição desigual do volume e composição do capital econômico e escolar entre as categorias socioocupacionais.<sup>8</sup> Empregamos as técnicas de análise fatorial por correspondência binária, seguidas da classificação hierárquica ascendente, através da qual buscamos identificar agrupamentos de posições sociais. O ponto de partida foi uma tabela de contingência das categorias socio-

Gráfico 1 – Valores próprios dos Fatores



Variance totale = 0.58

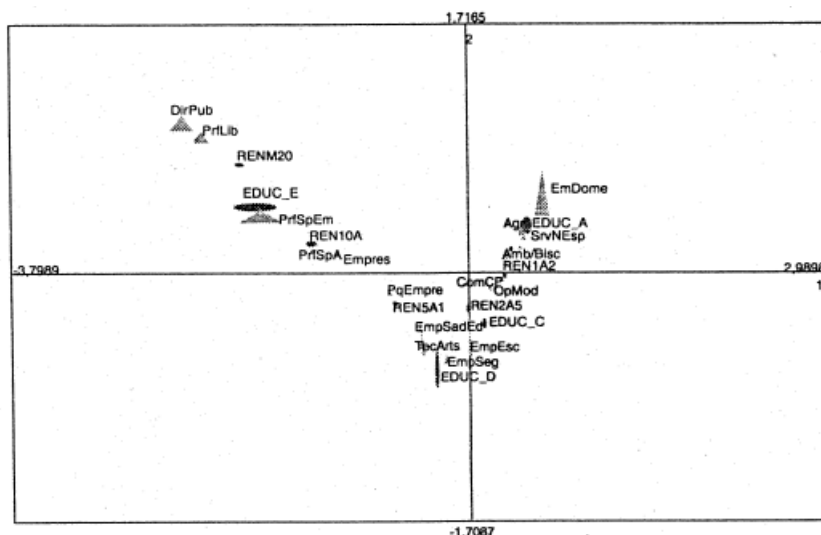
ocupacionais segundo as variáveis de instru o e renda. Para a instru o, utilizamos cinco faixas: sem instru o (EducA); de 4 a 7 anos de estudos (EducB); de 8 a 11 anos (EducC); de 12 a 15 anos (EducD) e acima de 16 anos (EducE). Para a renda, foram seis faixas: até 1 salário mínimo (Ren1); de 1 a 2 salários (Ren1a2); de 2 a 5 salários (Ren2a5); de 5 a 10 salários (Ren5a10); de 10 a 20 salários (Ren10a20) e mais de 20 salários (Ren+20).

Encontramos dois fatores principais que sintetizam os princípios de organiza o do espaço social das três metrópoles, uma vez que são responsáveis por um pouco mais que 87% da variância total, como mostra o Gráfico 1.

O primeiro fator   formado pelas diferenças entre as categorias socioocupacionais no que concerne ao volume dos capitais econômico e escolar. Com efeito, os indicadores que mais contribuem   forma o do fator 1 são os da alta escolaridade (EducE) e os da alta renda (Ren+20 e Ren10a20), responsáveis por quase 68,6% da variância, contrapostos aos de baixa renda (Ren1) e baixa escolaridade (EducA), cujas contribui es   forma o do fator 1 somam 17,5%.<sup>9</sup>

Os detentores de grande parcela do capital global, como os empresários e os possuidores de diplomas universitários, opõem-se àqueles que det m as menores parcelas do capital econômico e escolar, como os subprolet rios e os proletários da indústria e do terciário. Trata-se de um resultado até certo ponto banal, já que, sendo o sistema de classifica o adotado – baseado nas ocupa es – uma hierarquia socioecon mica fundada na produ o e gestão da riqueza,   de se esperar que os atributos requeridos para que os indivíduos assumam cada posi o fossem determinados pelo volume total de capital que cada um dispõe. Aqueles que ocupam as posi es mais superiores da hierarquia social, correspondentes às categorias dirigente e intelectual, dispõem das maiores parcelas do capital escolar e do capital econômico, e, ao contrário, as categorias mais inferiores (trabalhadores domésticos, biscateiros, ambulantes e prestadores de serviços) são

Gráfico 2 – Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte  
Posições ocupacionais e distribuição das capitais econômico e escolar



preenchidas por indivíduos com as menores parcelas do capital total. Em resumo, trata-se de um resultado esperado, dadas as inerentes desigualdades sociais existentes em uma sociedade de classe. Observamos, porém, algo que parece expressar uma característica da sociedade brasileira: a enorme distância que separa as elites econômica e intelectual do restante das outras posições sociais que compõem o espaço social das metrópoles. O Gráfico 2 mostra a distribuição simultânea das categorias socioocupacionais (triângulos) e das variáveis de instrução e renda (círculos) utilizadas na análise fatorial, sendo que o tamanho das figuras é proporcional às respectivas contribuições à formação do fator 1.

As categorias ocupacionais superiores ocupam posições fortemente excêntricas no espaço social das metrópoles, o que expressa a enorme desproporção entre a parcela do capital total detida pelos dirigentes do setor privado, profissionais liberais, dirigentes do setor público e profissionais de nível superior e as outras categorias.<sup>10</sup> A principal hierarquia social das metrópoles do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte não é, portanto, uma escala contínua, indo das posições com menor volume de capital até as de maior, obedecendo a diferenças monótonas. De fato, parece haver duas escalas. A primeira indo da baixíssima renda e escolaridade até a renda de 5 a 10 salários mínimos. Estas posições são responsáveis por cerca de 31,4% da variância total do fator 1 e as diferenças de coordenadas são mais ou menos monótonas. A partir desse limite, há uma descontinuidade, que marca o início da segunda escala, pois os outros três indicadores – (EducE, Ren+20 e Ren10a20) – são responsáveis por 68,6% da variância.

A hierarquia social das três metrópoles, segundo a distribui o do volume do capital econômico e escolar pelos grupos ocupacionais, está apresentada a seguir.

A partir do Quadro 1, podemos afirmar que, de maneira geral, há uma estreita rela o entre posi o ocupacional e distribui o do volume de capital econômico e escolar. No entanto, vale a pena destacar os casos em que essa rela o não   tão evidente, causando algumas surpresas na ordem hierárquica resultante da análise. A primeira,   o lugar alcançado pelos empresários, abaixo das demais categorias que compõem as categorias dirigente e intelectual. Esse fato se deve ao menor volume de capital escolar acumulado por eles. A segunda surpresa   a posi o dos ambulantes e biscateiros, acima da dos prestadores de serviços especializados, dos artesãos, dos operários da indústria tradicional e da constru o civil que, a princípio, agrupam ocupa oes com maior estabilidade de renda e que exigem maior qualifica o.

Comparando a hierarquia das categorias socioocupacionais identificada para cada uma das metrópoles,<sup>11</sup> encontramos algumas diferenças de posi o, evidenciadas no

Quadro 1 – Hierarquia das categorias socioocupacionais do conjunto das metrópoles do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, segundo o volume de capital econômico e escolar (Fator 1)

Dirigente do setor público
Dirigente do setor privado
Profissionais liberais
Profissionais de nível superior empregados
Profissionais de nível superior autônomos
Empresários
Pequenos empregadores urbanos
Empregados da saúde e educa�o
Empregados de supervisão
Técnicos e artistas
Empregados da segurança, justiça e correios
Comerciantes por conta própria
Empregados de escritório
Empregados do comércio
Operários da indústria moderna
Operários dos serviços aux. economia
Ambulantes/biscateiros
Prestadores de serviços especializados
Trabalhadores da agricultura
Artesão
Operários da indústria tradicional
Operários da constru�o civil
Prestadores de serviços não-especializados
Empregadas domésticas

Quadro 2 – Hierarquia das categorias socioocupacionais nas metrópoles do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, segundo o volume de capital econômico e escolar (Fator 1)

Rio de Janeiro	São Paulo	Belo Horizonte
Dirig. do setor privado	Dirig. do setor privado	Dirig. do setor privado
Dirig. do setor público	Dirig. do setor público	Dirig. do setor público
Prof. liberais	Prof. liberais	Prof. liberais
Prof. sup. empregados	Prof. sup. empregados	Prof. sup. empregados
Prof. sup. autônomos	Prof. sup. autônomos	Empresários
Empresários	Empresários	Prof. sup. autônomos
Peq. empregadores	Peq. empregadores	Peq. empregadores
Técnicos e artistas	Empreg. saúde e educação	Empreg. supervisão
Empreg. supervisão	Empreg. supervisão	Técnicos e artistas
Empreg. saúde e educação	Técnicos e artistas	Empreg. saúde e educação
Empreg. seg., just. e correio	Empreg. seg., just. e correio	Empreg. seg., just. e correio
Empreg. escritório	Comerc. conta própria	Empreg. escritório
Comerc. conta própria	Empreg. escritório	Comerc. conta própria
Empreg. comércio	Empreg. comércio	Empreg. comércio
Operários serv. aux.	Operários ind. moderna	Operários ind. moderna
Operários ind. moderna	Trab. agrícolas	Operários serv. aux.
Ambulantes/biscateiros	Ambulantes/biscateiros	Artesãos
Prestad. serv. especializados	Artesãos	Prestad. serv. especializados
Artesãos	Operários serv. aux.	Ambulantes/biscateiros
Trab. agrícolas	Prestad. serv. especializados	Trab. agrícolas
Operários ind. tradicional	Operários construção civil	Operários ind. tradicional
Prest. serv. não-especializados	Oprários ind. tradicional	Operários constr. civil
Operários construção civil	Prest. serv. não-especializados	Prest. serv. não-especializados
Trab. domésticos	Trab. domésticos	Trab. domésticos

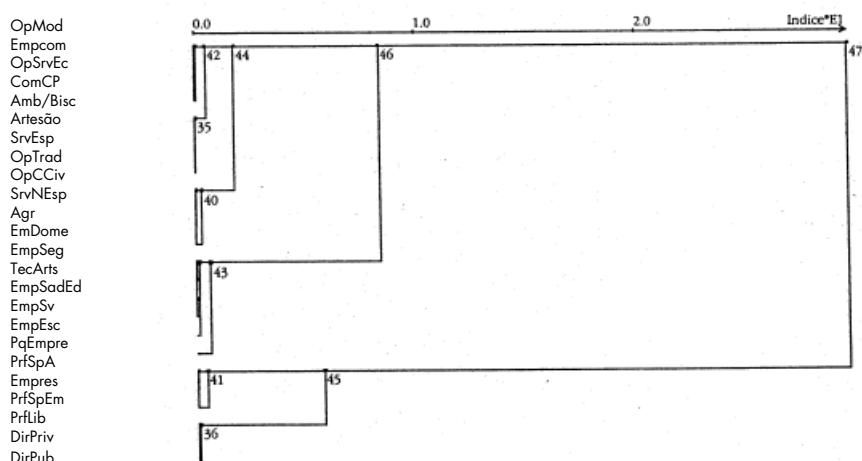
Quadro 2. No geral, Rio de Janeiro e Belo Horizonte apresentam hierarquias sociais semelhantes, ficando as maiores diferenças com São Paulo. A primeira diferença diz respeito aos operários dos serviços auxiliares e aos prestadores de serviços especializados, que se encontram, no que se refere ao volume de capital, numa posição inferior em São Paulo. Em contrapartida, os trabalhadores agrícolas e os empregados da saúde e educação encontram-se em posições superiores nessa metrópole, ante as demais. Nas três metrópoles, os trabalhadores domésticos ocupam a posição mais inferior da hierarquia social.

O fator 2 expressa a dualidade homogeneidade X heterogeneidade na distribuição do capital educacional. Com efeito, os indicadores que contribuem mais decisivamente à sua formação são, de um lado, os de alta e baixa escolaridade (EducE e EducA), com 47,0%, e correspondem às categorias homogeneamente superiores ou inferiores quanto ao nível de instrução; e, de outro, os de média escolaridade (EducC e EducD), com 25,7% de contribuição e associados às categorias mais heterogêneas em relação ao nível educacional. Neste eixo, as categorias que mais estão em relação de polarização são, de um lado, os trabalhadores domésticos, os operários da construção civil, os dirigentes do setor público, os profissionais liberais e os empregados de nível superior e, de outro, as categorias médias e os pequenos empregadores urbanos.

## Posi o social e diferencia o sociodemográfica

Nesta parte do trabalho descrevemos os resultados do agrupamento das categorias socioocupacionais em classes de posi es sociais segundo os resultados obtidos na análise fatorial. Utilizamos para tanto a técnica de classifica o hierárquica ascendente<sup>12</sup>, tendo como elementos classificadores as coordenadas verificadas nos fatores 1 e 2. Ou seja, as categorias socioocupacionais foram agrupadas segundo suas posi es na hierarquia da distribui o do volume de capital e no eixo homogeneidade/heterogeneidade da distribui o do capital escolar. Este procedimento nos permite testar em que medida o agrupamento das categorias segundo a homogeneidade de suas posi es na estrutura produtiva corresponde   hierarquia da distribui o do capital econômico e do capital escolar. O resultado da classifica o está expresso na árvore de classifica o (dendograma) abaixo.

Examinando a árvore de classifica o das categorias, identificamos uma primeira divisão em dois grandes grupos (n  47), que expressa a dualidade das posi es superiores de controle econômico e social e o restante das ocupa es. Ou seja, as categorias de dirigentes dos setores privado e público, profissionais liberais, profissionais de nível superior e empresários formam uma classe de posi es dos que mant m o controle sobre as decisões da estrutura de produ o e gestão. No seu interior, podemos distinguir a existência da subdivisão entre, de um lado, os dirigentes dos setores público e privado e os profissionais liberais e, de outro, os empresários e profissionais de nível superior. Trata-se da dualidade volume de capital X composi o (n  45), os segundos ocupando a posi o de maior parcela de capital econômico do que escolar, ou vice-versa. A segunda divisão (n  46)   a reunião de três subconjuntos: a categoria dos pequenos empregadores urbanos (n  43), que ocupa posi o intermediária entre a extrema superior e o



restante das categorias, mas que se junta às categorias médias não-manuais (empregados de escritório, empregados de supervisão, empregados de saúde e educação, os técnicos e artistas e empregados da segurança, justiça e correios) e ao conjunto dos trabalhadores manuais. A não inclusão da categoria dos pequenos empregadores urbanos na classe dos dirigentes econômicos e intelectuais expressa a distância econômica e escolar entre este dois grupos de "proprietários" de capital.

A terceira divisão surge com a separação, na classe dos trabalhadores manuais, entre trabalho não-qualificado X qualificado (nó 44), reunindo, de um lado, os operários da construção civil, prestadores de serviços não-especializados e os trabalhadores da agricultura e, de outro, o conjunto dos outros trabalhadores manuais. Nota-se a separação, nesta classe, dos ambulantes e biscateiros, o que provavelmente decorre de esta categoria possuir uma situação mais homogênea, no que concerne à distribuição do capital escolar.

Essas três divisões resultam em seis classes de posições sociais distintas. Buscaremos, a seguir, avaliar em que medida essas classes correspondem a diferenciações sociodemográficas da população ocupada metropolitana, utilizando-se para tanto os atributos de raça, sexo e tipo familiar. Partimos do pressuposto de que tais atributos, ao mesmo tempo em que são condicionados pela posição na estrutura produtiva, atuam sobre os mecanismos de inserção e mobilidade nessa estrutura e de acessibilidade ao capital econômico e escolar. O grau de correspondência entre as classes e os atributos sociodemográficos será testado através dos indicadores (i) pessoas ocupadas negras e pardas; (ii) pessoas ocupadas do sexo feminino e (iii) pessoas ocupadas vivendo em arranjos familiares dos tipos família nuclear, família composta e família unipessoal.

As seis classes podem ser assim definidas.

*Posição I* - Alto volume de capital, com composição equilibrada entre as frações econômica e escolar. Classe formada pelos dirigentes do setor público e privado e pelos profissionais liberais (empregadores ou autônomos).

*Posição II* - Alto volume de capital, com composição desequilibrada em favor do capital econômico, no caso dos empresários, ou do capital escolar, no caso dos profissionais de nível superior.

*Posição III* - Médio volume de capital, com composição desequilibrada em favor do capital econômico, formada pelos pequenos empregadores urbanos.

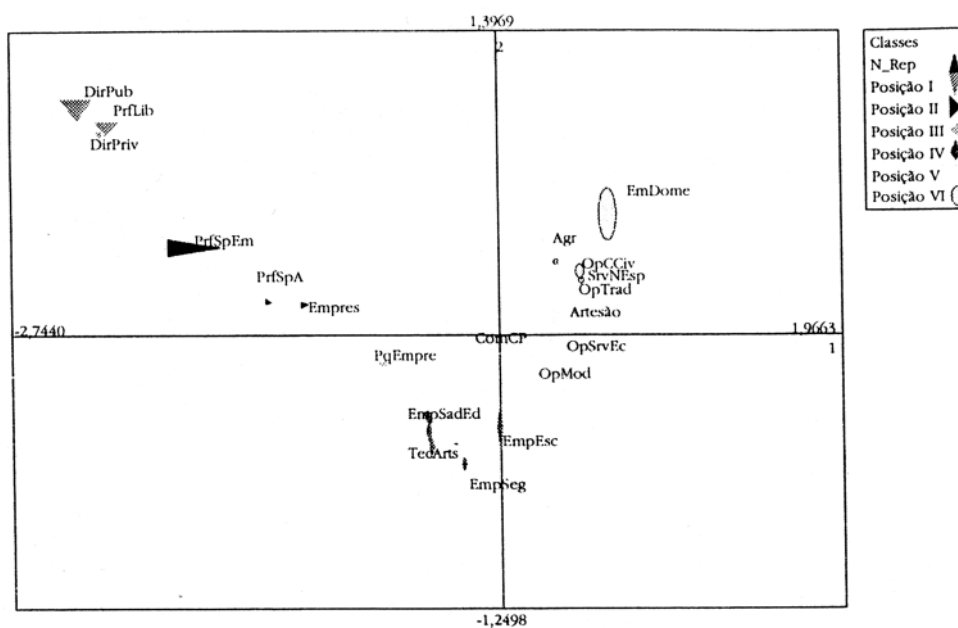
*Posição IV* - Médio volume de capital com composição equilibrada. Classe formada pelos empregados em ocupações de nível médio.

*Posição V* - Baixo volume de capital, com composição desequilibrada. Classe formada pelos trabalhadores manuais qualificados – operários da indústria e dos serviços auxiliares à atividade econômica e artesãos, pelos empregados do comércio e comerciantes por conta própria e pelos ambulantes/biscateiros.

*Posi o VI* - Baixo volume de capital, com composi o equilibrada. Classe formada pelos trabalhadores manuais sem qualifica o: trabalhadores domésticos, prestadores de serviços não-especializados, operários da constru o civil e trabalhadores da agricultura.

O Gráfico 3 mostra os lugares ocupados no espaço fatorial por estas posi es sociais.

Vejamos, então, o grau de correspondência entre as seis posi es e os atributos sociodemográficos das pessoas classificadas em cada uma delas. A Tabela 3 nos mostra que, dos três atributos selecionados, apenas o racial apresenta elevada diferencia o entre as seis posi es.   impressionante a diferença no peso dos segmentos negros e pardos entre as duas posi es extremas do espaço social: para o conjunto das metrópoles, o percentual destes na posi o VI (48,8%)   seis vezes maior do que na posi o I (7,9%). Ou seja, há uma estreita associa o entre hierarquia social, distribui o do capital econômico e escolar e diferencia o étnico-racial da popula o ocupada.   possível que esta estreita associa o seja o resultado da discrimina o étnico/racial atuando na distribui o desigual das oportunidades de escolaridade e renda, tendo como conseq ncia a segregac o ocupacional dos trabalhadores negros e pardos.   possível também que estejamos diante de um processo circular, no qual a segregac o ocupacional dos negros e pardos atue no sentido de diminuir suas oportunidades de obten o do capital escolar e econômico e que tal desigualdade atue no sentido da manuten o da sua segregac o ocupacional.





A comparação do perfil étnico-racial das posições entre as três metrópoles também aponta algumas diferenças relevantes. Em São Paulo, observa-se a menor presença relativa de negros e pardos em todas as posições sociais. Chama a atenção o fato de a posição I, que corresponde às categorias com maior acúmulo de capital econômico e escolar, concentrar, nessa metrópole, um contingente de negros e pardos 50% menor do que no conjunto das três metrópoles. Já em Belo Horizonte, observamos exatamente o contrário: há maior presença relativa de negros e pardos em todas as posições sociais, com destaque para o fato de, na posição I, este contingente ser 77% maior do que no conjunto das metrópoles. Podemos concluir que na metrópole paulista há uma relação mais estreita entre hierarquia social e diferenciação racial étnica da estrutura social. Curiosamente, é na metrópole mais desenvolvida industrialmente, onde, a princípio, o espaço social é mais heterôgeneo, que encontramos esta relação, enquanto na menos desenvolvida – Belo Horizonte – a associação entre diferenciação racial e hierarquia social é mais tênue.

Não há uma associação nítida entre hierarquia social e o grau de feminilização das ocupações, apesar de constatar-se que as posições mais inferiores apresentam maior taxa de participação das mulheres, porém, não de forma tão acentuada como no caso da participação da população negra. A mais alta presença feminina se verifica nas ocupações não-manuais de nível médio, em razão da feminilização das ocupações de rotina em escritório e dos serviços de saúde e educação. Por outro lado, as posições destacadamente masculinizadas são III e V, ou seja, as que se referem ao "mundo da pequena-burguesia" e ao "mundo operário". Podemos especular que duas dimensões das desiguais relações de gênero atuem na explicação deste fenômeno. A primeira posição, como vimos, define-se essencialmente pela posse de um capital econômico, recurso que certamente é controlado pelos homens em nível familiar. A posição V, por sua vez, é composta por ocupações "profissionais", algumas semelhantes ao *métier*, que exigem qualificação e nas quais há forte presença de relações de assalariamento formal. As desigualdades entre homens e mulheres no acesso aos recursos necessários para ocupar esta posição – escolaridade e trajetória no "meio fabril" – e a priorização pelos patrões do homem na escolha dos trabalhadores devem funcionar como mecanismos de seleção sexual. Por fim, observamos que as três metrópoles apresentam um quadro bastante semelhante, no que se refere ao grau de feminilização das posições sociais.

A família nuclear é a forma predominante nas três regiões metropolitanas, independentemente da posição social, embora observem-se algumas diferenças não desprezíveis. Podemos identificar certa homogeneização das posições I, II e III, nas quais os percentuais de incidência da família nuclear são bastante próximos, mas superiores à média nacional que se situa em torno de 70%, enquanto nas duas últimas posições verificam-se percentuais inferiores. Por outro lado, a presença da família estendida é relativamente maior nas posições inferiores, sendo que na VI alcança um percentual quase duas vezes

maior do que o verificado na posi o I. A família unipessoal tem maior incidência nas posi es superiores I e II, embora a posi o VI se destaque entre as inferiores com o percentual bem superior (4,9%). Os dados indicam, portanto, diferenças não desprez veis de moderniza o entre as posi es sociais, sendo que, no que diz respeito   família unipessoal, possamos estar diante do duplo processo de moderniza o/marginaliza o, pois, de um lado, a presença maior deste tipo familiar na posi o superior deve estar expressando a escolha deste segmento de novas formas e estilo de vida, enquanto, de outro, na posi o mais inferior, pode ser o resultado do isolamento e da desestrutura o da vida social daqueles que exercem ocupa es precárias e têm pequeno acesso ao capital escolar e econômico.

Tabela 3 – Diferencia o das posi es sociais do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte

Posi�es	Negros e pardos	Sexo feminino	Família nuclear	Família estendida	Família composta	Família unipessoal
SP – RJ – BH						
I	7,9	33,9	76,0	13,7	4,0	6,4
II	13,1	34,2	74,0	16,1	4,4	5,4
III	17,5	22,0	75,6	17,9	3,6	2,9
IV	30,6	41,0	69,7	23,0	4,0	3,3
V	44,2	28,8	67,6	25,4	3,9	3,0
VI	48,8	33,0	64,2	26,6	4,3	4,9
São Paulo						
I	4,2	33,5	77,0	13,1	3,6	6,3
II	8,4	34,0	75,2	15,2	4,2	5,3
III	11,7	22,0	76,2	17,6	3,2	2,8
IV	21,1	42,0	71,0	22,2	3,6	3,3
V	32,4	31,2	68,4	25,3	3,6	2,6
VI	40,6	31,7	64,6	26,0	4,5	4,7
Rio de Janeiro						
I	11,0	35,0	73,2	15,4	4,4	7,0
II	17,1	33,7	71,7	17,5	4,9	5,8
III	22,7	20,4	73,7	18,8	4,2	3,2
IV	37,8	40,6	67,6	24,3	4,3	3,6
V	51,1	30,6	66,6	26,2	3,7	3,3
VI	61,0	28,6	65,3	26,5	3,0	5,0
Belo Horizonte						
I	14,0	34,2	79,3	11,3	4,2	5,1
II	22,7	36,4	75,0	16,0	4,4	4,9
III	30,4	25,0	76,4	16,6	4,1	2,8
IV	46,1	42,1	70,7	22,0	4,4	2,9
V	59,4	30,6	70,1	24,0	3,5	2,3
VI	68,2	32,8	67,5	25,3	4,0	3,1

Fonte: Censo Demográfico de 1991.

Tabela 4 – Densidades relativas da diferenciação das posições sociais do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte

Posições	Negros e pardos	Sexo feminino	Família nuclear	Família estendida	Família composta	Família unipessoal
São Paulo						
I	0,53	0,99	1,01	0,96	0,9	0,98
II	0,64	0,99	1,02	0,94	0,95	0,98
III	0,67	1	1,01	0,98	0,89	0,97
IV	0,69	1,02	1,02	0,97	0,9	1
V	0,73	1,08	1,01	1	0,92	0,87
VI	0,83	0,96	1,01	0,98	1,05	0,96
Rio de Janeiro						
I	1,39	1,03	0,96	1,12	1,1	1,09
II	1,31	0,99	0,97	1,09	1,11	1,07
III	1,3	0,93	0,97	1,05	1,17	1,1
IV	1,24	0,99	0,97	1,06	1,08	1,09
V	1,16	1,06	0,99	1,03	0,95	1,1
VI	1,25	0,87	1,02	1	0,7	1,02
Belo Horizonte						
I	1,77	1,01	1,04	0,82	1,05	0,8
II	1,73	1,06	1,01	0,99	1	0,91
III	1,74	1,14	1,01	0,93	1,14	0,97
IV	1,51	1,03	1,01	0,96	1,1	0,88
V	1,34	1,06	1,04	0,94	0,9	0,77
VI	1,4	0,99	1,05	0,95	0,93	0,63

Fonte: Censo Demográfico de 1991.

## Conclusões

Os resultados do nosso trabalho indicam a existência de fortes associações entre a hierarquia das posições ocupacionais e a hierarquia das posições dos ocupados na escala de distribuição do capital escolar e econômico.

Como explicar a relação entre as diferenças da distribuição do capital e a hierarquia ocupacional? Esta relação reflete apenas a "natural" desigualdade de oportunidades em uma sociedade capitalista, portanto baseada na exploração do trabalho? Em que medida as enormes distâncias sociais em termos educacionais e de renda podem estar expressando outros mecanismos de apropriação pelas elites das oportunidades de acesso aos dois recursos fundamentais em uma sociedade moderna: a escolaridade e a renda?

A distância entre as elites dirigente e intelectual do restante das categorias sociais sugere a existência, nas metrópoles brasileiras, da prevalência de algo semelhante ao que Weber chamou de "enclausuramento excludente" (1979, p. 276) fundado no monopólio

da propriedade econ mica e do diploma. Com efeito, Weber descreve com este conceito a situa o de controle que determinados grupos exercem sobre a entrada de novos membros, por serem inferiores e inelegíveis ou pela ausência de atributos habilitadores, tais como títulos de propriedade ou diplomas escolares. Isto institui um certo número de atributos físicos e sociais como justificativa da exclusão, podendo ser, para Weber, a raça, a língua, a religião, a origem social. Qualquer que seja o critério, o enclausuramento excludente permite subtrair determinados grupos da distribui o de oportunidades e, concomitantemente, o exercício do monopólio.

Vários autores têm retomado o conceito de "enclausuramento excludente" para repensar as rela es de classes nas sociedades capitalistas contemporâneas. Parkin (1984) propõe dois modelos: a exclusão e a usurpa o. A exclusão pode se concretizar por mecanismos coletivos – raça, religião, origem social – ou por mecanismos individuais – propriedade da terra, "credencialismo" do tipo diploma, nomenclatura, etc. As formas individualistas de exclusão são baseadas na prote o das vantagens e são menos eficientes do que as formas coletivas na transmissão das vantagens para as outras gera es.   possível imaginar que o sistema político seja um dos mecanismos de credenciamento, na medida em que entrar nele   entrar em rela es baseadas em regimes de clientelas.

A enclausura pode se materializar pela exclusão de grupos sociais de certas ocupa es e, por este motivo, produz-se a sua exclusão do acesso a recompensas, recursos, poder e oportunidades. Portanto, a segrega o ocupacional baseada no g nero, na cor, na idade, ou baseada em mecanismos individuais – credenciamento – pode ser uma das formas de realiza o do sistema de enclausuramento.

O sistema da enclausura tem que se legitimar, ou pela legitima o dos seus mecanismos (discrimina o sexual e racial) ou pela legitima o de um código de exclusão. Aqui pode ganhar interesse a idéia de Bourdieu das "surdas inju es" que excluem certos grupos de espaços (ou de ocupa es) sem que eles apareçam na superfície social.

O enclausuramento excludente no Brasil não seria mantido por uma ordem jurídica, como previa Weber, mas pelo forte controle exercido pelas elites na distribui o das oportunidades de acesso   propriedade e   qualifica o sancionada pelos diplomas. No Brasil, portanto, ainda não ocorreu o processo de destrui o dos antigos mecanismos de enclausuras excludentes próprios das sociedades anteriores ao capitalismo, como ocorreu nos países desenvolvidos, sobretudo os europeus, pela expansão dos princípios republicanos de igualdades e justiça. Nestes países as enclausuras passam a ser organizadas por processos mais sutis, como mostra Bourdieu.

## NOTAS

1. Esse trabalho foi desenvolvido no âmbito do Observatório de Políticas Urbanas e Gestão Municipal (Ippur/UFRJ – Fase), sendo um dos produtos resultantes da pesquisa "Metrópole, desigualdades socioespaciais e governança urbana: Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte", coordenada pelo professor Luiz Cesar de Q. Ribeiro e financiada pelo MCT-Pronex. A metodologia utilizada foi construída com a colaboração do sociólogo Edmond Preteceille do Centre Sociétés et Cultures Urbaines – CSU, com que mantemos um programa de cooperação e intercâmbio científico, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e do Conseil National de Recherche Scientifique – CNRS.
2. A noção de espaço social é a mesma utilizada por Pierre Bourdieu (1979) em sua análise da estrutura de classes na sociedade francesa. Para o autor a "idéia de diferença, de separação, está no fundamento da própria noção de espaço, conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras por sua exterioridade mútua e por relações de proximidade, de vizinhança ou de distanciamento e, também, por relações de ordem, como acima, abaixo e entre; por exemplo, várias características dos membros da pequena-burguesia podem ser deduzidas do fato de que eles ocupam uma posição intermediária ente duas posições extremas, sem serem objetivamente identificáveis e subjetivamente identificados com uma ou com outra." (Bourdieu, 1979, p. 18).
3. Esta orientação está ancorada na concepção de Bourdieu (1979) sobre a multiplicidade de dimensões que estruturam as classes sociais e as relações entre estas dimensões. Segundo o autor "...uma classe ou uma fração de classe é definida não apenas pela sua posição nas relações de produção tal como elas podem ser identificadas através de índices como a profissão, as rendas ou mesmo o nível de escolaridade, mas também por um certo *sex-ratio*, uma distribuição determinada no espaço geográfico (que não é jamais socialmente neutro) e por um conjunto de *características auxiliares* que, sob o título de exigências tácitas, podem funcionar como princípios de seleção ou de exclusão reais sem jamais ser formalmente enunciados (é o caso, por exemplo, de pertencimento étnico ou do sexo); vários critérios oficiais servem, com efeito, como máscaras de critérios ocultos, o fato de se exigir um diploma determinado podendo ser uma maneira de exigir de fato uma origem social determinada" (Bourdieu, 1979, p. 113).
4. Segundo a FIBGE "Como ocupação entendeu-se o emprego, cargo, função, profissão, etc. exercido durante a maior parte dos 12 meses anteriores à data de referência do Censo". (Censo Demográfico de 1991, Documentação dos Microdados, FIBGE, p. 35).
5. A nossa classificação foi fortemente influenciada pela reflexões sociológicas feita por Desroisières, Goy e Thévenot sobre as categorias socioprofissionais francesas. Ver Desroisières, Goy e Thévenot (1983); Desroisières e Thévenot (1992).
6. A relação entre o sistema de categorias socioprofissionais e a hierarquia social é forte em razão do grau de formalização do mundo do trabalho na França, traduzido em sindicatos e organizações profissionais, e da capacidade destes de desenvolver lutas de construção e afirmação das identidades sociais que representam. Nestas lutas, são utilizadas as CSP's fabricadas pelo sistema estatístico francês nos anos 50, fazendo com que a hierarquia social que ela traduz tenha forte grau de legitimidade social.
7. Colocar esta categoria no grupo da elite dirigente deveu-se à compreensão de que, no Brasil, essas profissões (i) foram historicamente exercidas pelos filhos da elite, (ii) são as profissões que melhor se organizaram enquanto corporação e (iii) são identificadas como de mais elevado status social. São, portanto, as ocupações que se estruturam em torno do controle e da valorização de um capital social. Nesse sentido, pareceu-nos pouco relevante a separação empregadores e conta-própria.

8. Utilizamos como *proxy* do capital escolar os anos de estudo da popula o ocupada e do capital econômico, a renda nominal total, que   o somatório de todas as rendas de cada pessoa ocupada.
9. Ver tabela "Indicadores dos 2 Primeiros fatores da Análise Fatorial", anexa.
10. Este resultado   semelhante ao obtido por alguns trabalhos sobre a desigualdade na distribui o da renda no Brasil. Por exemplo Paes e Barros, Mendonça e Duarte (1997), ao compararem Brasil, Estados Unidos, Japão, Hungria, Argentina e México, concluem: "...as desigualdades de renda no Brasil concentram-se na cauda superior da distribui o, isto  , a principal diferença na distribui o nos países latino-americanos em rela o aos Estados Unidos encontra-se na cauda superior da distribui o. Assim, se a renda dos 10% mais ricos nos diversos países não fosse levada em considera o, observaríamos um grau de desigualdade similar na América Latina e nos Estados Unidos. Finalmente, vale ressaltar que estas diferenças entre o Brasil, Estados Unidos e Japão são também válidas quando se compara a América Latina com os Estados Unidos e Japão; a diferença   que no caso do Brasil os contrastes são bem mais acentuados" (p. 25).
11. As hierarquias foram obtidas pela proje o das categorias de cada uma das metrópoles, e as suas respectivas distribui es da popula o ocupada pelas faixas de renda e escolaridade, no espaço fatorial formado pelos dois primeiros fatores da análise realizada para o conjunto das três metrópoles.
12. Trata-se de uma das técnicas de forma o de conglomerados (Cluster Analysis) que se caracteriza pela identifica o de classes hierarquicamente relacionadas segundo as distâncias e proximidades entres as variáveis.

## Bibliografia

- BOURDIEU, P. (1979). *La distinction. Critique sociale du jugement*. Paris,  ditions Minuit.
- CASTELLS (1989). *The informational city: information technology economic, restructuring and urban – Regional Process* Oxford, Brasil- Blackwell.
- DESROSI RES, A., GOY, A e THÉVENOT, L. (1983). *L'identité sociale dans le travail le travail statistique. La nouvelle nomenclature des professions et catégories socioprofessionnelles*, Economie et Statistique, INSEE.
- DESROSIÈRES, A., THÉVENOT, L. (1992). *Les catégories socioprofessionnelles*. Paris, Editions La Découverte.
- HAMNETT, C. (1995). Les changements socio-econômiques   Londres. *Sociétés Contemporaines*, n. 22/23, juin/sept., pp. 15-32.
- JORGE, Angela Filgueiras et alii. (s/d). *Categorias socioocupacionais. Uma perspectiva para análise de força de trabalho e da distribui o de rendimentos no Brasil*, 34p. (Mimeo.)
- \_\_\_\_\_ (1985), *Categorias socioocupacionais: uma perspectiva para análise da força de trabalho e da distribui o de rendimentos no Brasil*. Departamento de Estudos e Indicadores Sociais – Deiso. (Mimeo.)

- MOLLENKOPF, J. H., CASTELLS, M. (1991). *Dual city: restructuring New York*. New York, Russell Sage Foundation, 477 p.
- MALOUTAS, T. (1995). Ségrégation et relations familiales dans deux villes grecques: Athènes et Volos. *Sociétés Contemporaines*, n. 22/23, juin/sept., pp. 89-106.
- PAES E BARROS, Ricardo, MENDONÇA, Rosane e DUARTE, Renata (1997). *Bem-estar, pobreza e desigualdade de renda: uma avaliação da evolução histórica e das disparidades regionais*. Texto para Discussão n. 454, IPEA.
- PARKIN, F. (1984). *Marxism and class theory. A bourgeois critique*, Londres, Tavistock Publications.
- PRETECEILLE, E. (1994). "Cidades globais e segmentação social". In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz e SANTOS JUNIOR, Orlando Alves dos (orgs.). *Globalização, fragmentação e reforma urbana – O futuro das cidades brasileiras na crise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 65-89.
- SASSEN, S. (1991). *The global cities: New York, London, Tokyo*. Princeton, Princeton University Press, 354p.
- SINGER, P. (1977). *Economia política do trabalho*. São Paulo, Hucitec.
- SILVA, Nelson do Valle. (s/d-a). *Uma classificação ocupacional para o estudo da mobilidade e da situação do mercado de trabalho no Brasil*. (Mimeo.)
- \_\_\_\_\_ (s/d-b). *Categorias ocupacionais por sexo e cor*, 17p. (Mimeo.)
- \_\_\_\_\_ (1973). *Posição social das ocupações*. Centro de Informática. (Mimeo.)
- \_\_\_\_\_ (1985). *Atualização da escola socioeconômica de ocupação para 1980*.
- STORPER, M. (1994). "Desenvolvimento territorial na economia global do aprendizado: o desafio dos países em desenvolvimento". In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz e SANTOS JUNIOR, Orlando Alves dos (orgs.). *Globalização, fragmentação e reforma urbana – O futuro das cidades brasileiras na crise*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, pp. 23-63.
- TABARD, N. (1993). Des quartiers puvares aux banlieux aisées: une représentation sociale du territoire. *Economie et Statistique*, n. 270, pp. 5-21.
- TABARD, N. e CHENU, A. (1993). Les transformations socioprofessionnelles du territoire français, 1982-1990. *Population*, 6, pp. 1735-1770.
- WEBER, M. (1979). *Economia y sociedad*. México, Fondo de Cultura Económica.

## Anexo

Indicadores dos 2 primeiros Fatores da análise Fatorial

	Fator 1			Fator 2		
	Coord.	Cor	Ctr	Coord.	Cor	Ctr
EDUC_E	-1,774	0,9	0,458	0,464	0,062	0,102
REN10A	-1,306	0,895	0,115	0,212	0,024	0,01
RENM20	-1,907	0,693	0,113	0,765	0,112	0,059
EDUC_A	0,495	0,667	0,11	0,337	0,309	0,166
REN1	0,471	0,512	0,065	0,308	0,219	0,09
REN5A1	-0,612	0,745	0,056	-0,194	0,075	0,018
REN1A2	0,307	0,739	0,032	-0,008	0	0
EDUC_B	0,36	0,444	0,028	0,173	0,103	0,021
EDUC_D	-0,272	0,131	0,019	-0,657	0,765	0,368
EDUC_C	0,13	0,095	0,004	-0,339	0,651	0,091
REN2A5	-0,004	0	0	-0,235	0,627	0,074